



# FILOSOFIA E CONSCIÊNCIA NEGRA

Caderno 1: O que é raça?





# FILME

## PELE NEGRA, MÁSCARA BRANCA

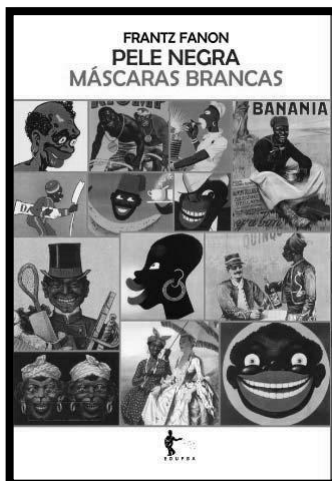


Conrado Krainer

### SINOPSE

Pele Negra Máscara Branca é um documentário com base no livro homônimo do Frantz Fanon que aborda a ideologia do branqueamento sob duas esferas - a acadêmica e a concreta. A esfera acadêmica é representada pelo professor livre-docente em Sociologia Kabengele Munanga e pelo cineasta Jeferson De, para a esfera concreta foram realizadas entrevistas na favela de Heliópolis. O ideal do branqueamento é apresentado através de duas perspectivas que oferecem ao espectador um amplo panorama deste fenômeno social e psicológico que atinge a sociedade brasileira.

<b>FICHA TÉCNICA</b> Gênero: Documentário Duração: 19min Ano: 2006 País: Brasil Direção, pesquisa e roteiro: Conrado Krainer	Produção: Conrado Krainer, Vladimir Modesto e Jucelio dos Santos  Produção executiva: Newton Uzeda  Direção de arte: Fernando Lamanna e Conrado Krainer  Programação visual: Fernando Lamanna  Som: Newton Uzeda	Câmera: André Teixeira, Roberto Alves  Edição: Fernando Lamanna e Conrado Krainer  Trilha musical: Steve Reich, Duportal, Beethoven: Symphony 9  Apoio cultural: Associação Cultural Cine Favela  Realização: Universidade UNIFIAM-FAAN
--	---	--

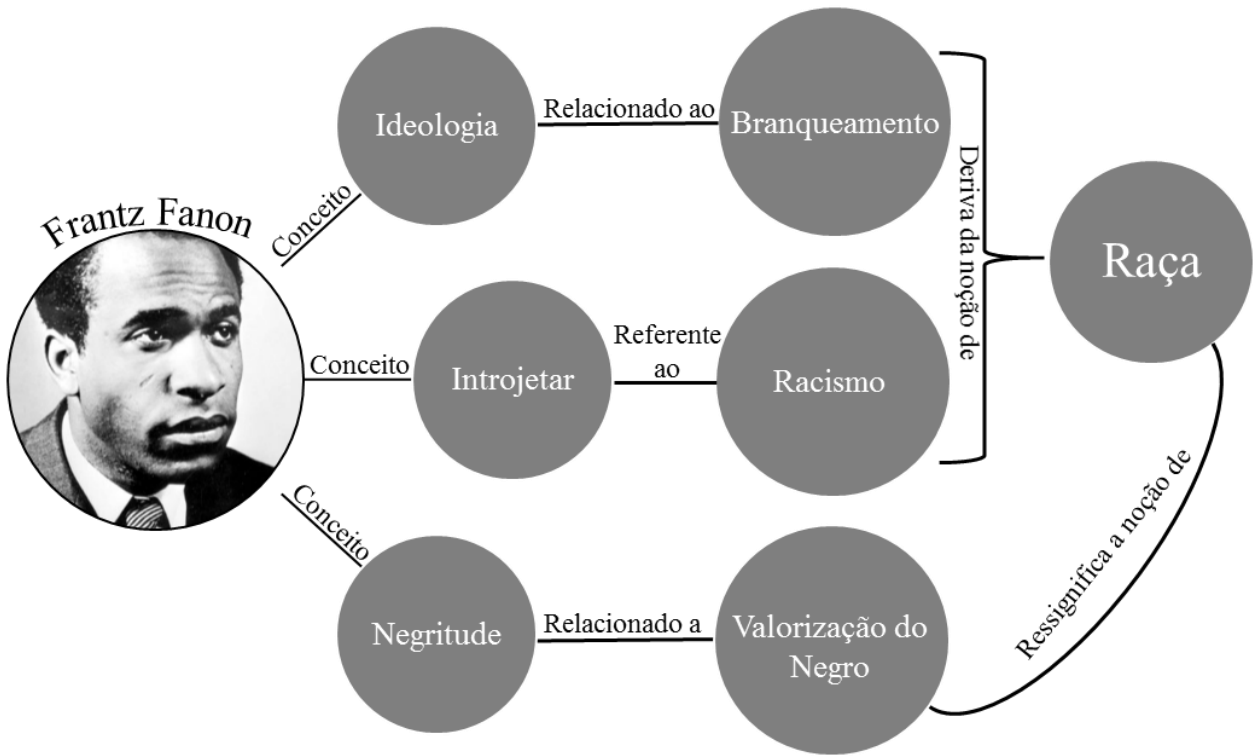


### Pele Negra, Máscaras brancas – Frantz Fanon

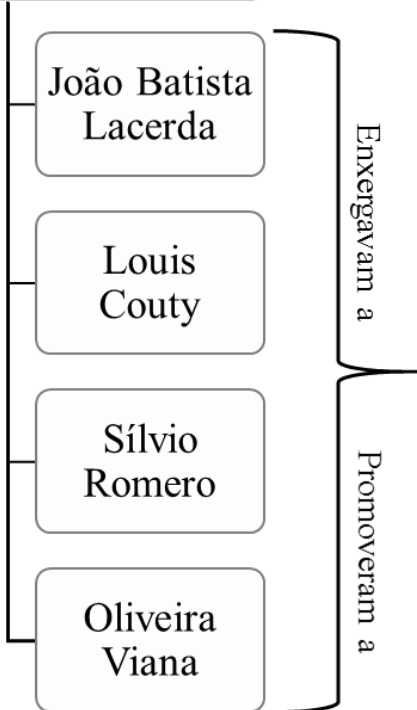
Neste livro, o autor examina a negação do racismo contra o negro na França. É um clássico do pensamento sobre a diáspora africana, sobre a descolonização, a arquitetura psicológica, a teoria das ciências, a filosofia e a literatura caribenha. Analisa o axioma que causou grande turbulência nas décadas de 1960 e 1970: como a ideologia que ignora a cor pode apoiar o racismo que nega. Sua primeira edição, em português, foi publicada em 1963.



# AUTORES E IDEIAS DO DOCUMENTÁRIO

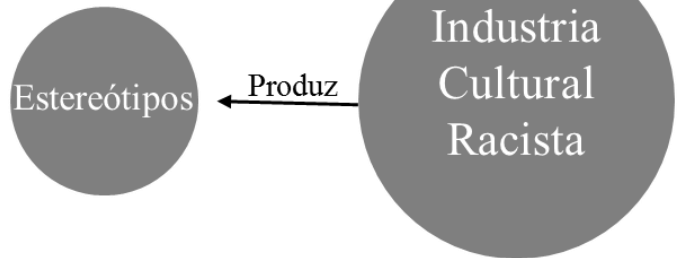


“Pensamento social Brasileiro Racista”



Mestiçagem como problema

Segregação Racial





# FILOSOFANDO COM TEXTOS

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional.

Quantas vezes ouvimos pronunciar, até por pessoas supostamente sensatas, a frase segundo a qual as atitudes preconceituosas só existem na cabeça das pessoas ignorantes, como se bastasse frequentar a universidade para ser completamente curado dessa doença que só afeta os ignorantes? Esquecem-se que o preconceito é produto das culturas humanas que, em algumas sociedades, transformou-se em arma ideológica para legitimar e justificar a dominação de uns sobre os outros. Esta maneira de relacionar o preconceito com a ignorância das pessoas põe o peso mais nos ombros dos indivíduos do que nos da sociedade. Além disso, projeta a sua superação apenas no domínio da razão, o que deixaria pensar, ao extremo, que nos países onde a educação é mais desenvolvida o racismo se tornaria um fenômeno raro.

MUNANGA, Kabemguele. Apresentação in: *Superando o racismo na escola*. Disponível em:

[http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo\\_escola.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf)



**Kabengele Munanga** é um antropólogo e professor titular da Universidade de São Paulo (USP) nascido no antigo Zaire, atual República Democrática do Congo, em 1942. Naturalizado brasileiro, é especialista em antropologia da população afro-brasileira, atentando-se a questão do racismo na sociedade brasileira. Defensor do sistema de cotas para negros nas universidades, Munanga é frequentemente convidado a debater o tema e a assessorar as instituições que planejam adotar o sistema.

## GLOSSÁRIO:

**IDEOLOGIA** possui distintos significados, no documentário exibido o conceito representa a falsa consciência, uma visão distorcida da realidade apresentada. (Conceito Marxista de ideologia)

**INDÚSTRIA CULTURAL** “termo difundido por Adorno e Horkheimer para designar a indústria da diversão de massa veiculada por televisão, cinema, rádio, revistas, jornais, música, propaganda, etc. (COTRIM, Gilberto, Fundamentos da Filosofia, página 215.)”.

Para saber mais, busque o conceito em seu livro didático “Filosofia e Experiência do Pensamento”, na página 18 da unidade 1.



ILUMINISMO movimento racionalista do século XVIII, baseado na crença no poder da razão de organizar o mundo humano. Para saber mais, busque o conceito em seu livro didático “Filosofia e Experiência do Pensamento”, na página 145 do capítulo 2.

NEGRITUDE é o sentimento de orgulho racial e conscientização do valor e da riqueza cultural dos negros.

AUTORES:

**Sílvio Romero** (1851-1914): crítico, ensaísta e historiador da literatura brasileira. Sua orientação filosófica passou pelo ecletismo, positivismo e firmou-se no darwinismo social de H. Spencer. Dentre suas obras destaca-se a *História da literatura brasileira*.

**Raimundo Nina Rodrigues** (1862-1906): médico legista, fundador da antropologia criminal brasileira e pioneiro nos estudos sobre a cultura negra no país. Pesquisou sobre as origens étnicas da população e a influência das condições sociais e psicológicas sobre a conduta do indivíduo. Suas teses antropológicas expressavam as teorias racistas da época, expostas, por exemplo, em sua obra *Os africanos no Brasil*.

**João Batista de Lacerda** (1846-1912): antropólogo e médico, foi um dos principais expoentes da tese do embranquecimento entre os brasileiros, sendo bastante influenciado pelo determinismo geográfico e as ideias de Spencer.

**Francisco José de Oliveira Viana** (1883-1951): sociólogo, historiador e jurista, ocupou postos importantes na administração pública nos anos 1930 e 1940. Suas obras, versando sobre a formação do povo brasileiro, foram umas das primeiras que tentaram abordar o tema sob um prisma sociológico, ainda marcado por determinismos geográficos e sociais. Foi um dos ideólogos da eugenia no Brasil. Uma de suas principais obras é *Populações Meridionais do Brasil*.

**Louis Couty** (1854-1884): Médico, pesquisador, publicista, suas obras se direcionavam aos estudos sobre o legado histórico da escravidão que colocava o Brasil em crise. Defendia a imigração dos europeus para sanar essa crise, suas duas principais obras são *O Brasil Em 1884 Esboços Sociológicos* e *A Escravidão no Brasil*.

## O QUE É RAÇA?

O que é raça? [...] Primeiramente, é preciso pontuar que os seres humanos fazem parte de uma espécie. Como todos os seres humanos que habitam nosso planeta hoje descendem de ancestrais comuns, sendo, portanto, parentes biológicos, todos fazem parte da mesma espécie: a *espécie humana*. De todo modo, é preciso reconhecer que o conceito de raça é constituído por componentes mais amplos do que o componente biológico, abrangendo também aspectos sociais e culturais. Há uma definição objetiva segundo a qual raças são populações da mesma espécie que diferem, em seus conjuntos gênicos, na incidência de alguns genes ou outras variantes genéticas. Para a análise que faço aqui, contudo, tal definição não se aplica à nossa espécie. Vejamos por que.

A espécie humana reparte-se em grandes grupos. Ninguém confunde uma menina negra com outra branca ou amarela (negroide, caucasoide e mongoloide, respectivamente, para os antropólogos físicos). O conjunto de características que as tornam diferentes é bastante amplo, mas nossa tendência é fixar a atenção nos traços visíveis, como a cor da pele, formato craniano e textura do cabelo. Todavia, se conseguíssemos estabelecer um tipo médio perfeito de cada um desses grandes conjuntos – que o senso comum chama de raças – veríamos que a diferença entre esses tipos médios é bem pequena. Por outro lado, as variações dentro do mesmo conjunto com relação a esse tipo médio perfeito são bem maiores que as diferenças entre cada tipo médio perfeito.



Das diferenças físicas entre as raças, a mais notável é a cor da pele. Por isso, ela se presta a tantos equívocos. Mera característica externa, transmissível por hereditariedade, o conjunto de genes responsável pela cor da pele é parte da reserva genética comum a toda a espécie humana. Em geral, populações negras, brancas e amarelas apresentam costumes diferentes, professam crenças diferentes, relacionam-se com a natureza e entre si de maneiras diferentes, manifestam propensões distintas para determinadas atividades. Tais diferenças são caricaturadas, mas observáveis, reais. Contudo, objetivamente, elas nada têm a ver com o patrimônio genético acumulado pelos grupos humanos dentro da reserva comum à raça humana. São fenômenos sociais, gerados no ventre dessa segunda natureza que é a trama de relações estabelecidas entre os seres humanos organizados para sobreviver e se reproduzir. O que um vietnamita e um negro baiano fazem em suas noites livres nada tem a ver com as classificações mongoloide e negroide ou com a ideia corriqueira de raça.

O conceito de raça e as classificações raciais, em voga até pouco tempo, não passam, pois, de uma forma de percepção pronta de fatos objetivos, a saber, diferenças morfológicas, sociais e culturais entre os grandes “grupos humanos”.

Ora, como forma de percepção pronta, esse conceito possui uma história. A crença de que existem raças humanas foi historicamente produzida, assim como os perfis que cada raça assumiu nessas classificações. Essa crença equivocada e sem base científica é denominada de racialismo e não leva necessariamente à discriminação do outro. Porém, quando o racialismo leva à discriminação ou à dominação do outro, aí se caracteriza como racismo. Isso parece indicar que o combate ao racismo deve começar pelo desmonte do racialismo.

SANTOS, Joel Rufino dos. *A questão do negro na sala de aula.*

### **VOCÊ SABIA?**

*As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004) definem raça como:*

- Conceito de **raça**: é uma *construção social* forjada nas tensas relações entre brancos e negros; difere da noção biológica. A noção de raça é utilizada principalmente:
  - 1) Nas relações sociais brasileiras para informar como determinadas características físicas (cor da pele, tipo de cabelo, etc) influenciam, interferem e mesmo determinam o destino e lugar social dos indivíduos;
  - 2) Ressignificado pelo Movimento Negro, com um sentido político e de valorização do legado africano.





## A COR E A RAÇA NOS CENSOS DEMOGRÁFICOS NACIONAIS

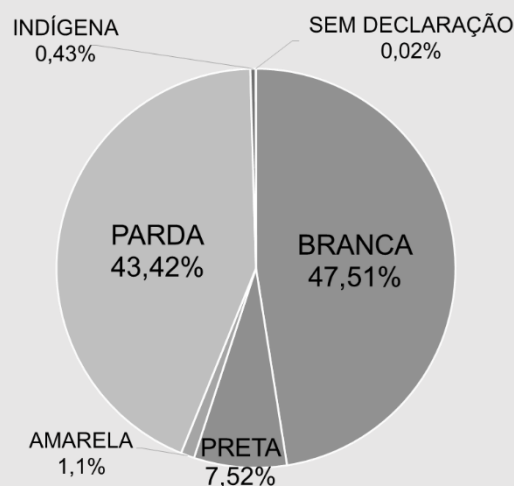
Branco, preto, pardo, amarelo e indígena. Essas são as cinco categorias de pertencimento racial com a qual estamos acostumados a nos identificar em censos, questionários e formulários pelo Brasil afora. Se essas cinco palavras são capazes de resumir as identidades étnico-raciais de cerca de 200 milhões de brasileiros/as, é outra questão. **Fato é que convivemos com a necessidade de pensar nossa sociedade em termos de relações raciais e, para tanto, certas categorias mostram-se indispensáveis.**

Na América Latina como um todo, pontuam Luis Angosto Ferrández e Sabine Kradolfer (2012), os censos demográficos nacionais passaram a ser criados a partir ou em torno da década de 1870, como uma decorrência de projetos de modernização das nações cujo mote era a ordem e o desenvolvimento. O Censo de 1872 utilizava um critério misto de fenótipo e descendência para a classificação racial, uma vez que as três primeiras categorias correspondem à cor, ao passo que a última tem uma origem racial. Esse nó, que vemos até hoje nos levantamentos atuais, acompanha nossa história desde os primeiros recenseamentos, tendo sido adotado também no **segundo censo demográfico, de 1890, com a diferença de que este substituiu o termo pardo por mestiço**. Infelizmente, a cor/raça não foi apreendida nos dois recenseamentos subsequentes, quais sejam, em 1900 e 1920.

A classificação racial retornou apenas em 1940, quando o Brasil entrou para o rol das nações que passaram a realizar censos modernos decenais, sob a responsabilidade de um órgão competente – o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Em 1991, enfim, o censo demográfico consolidou-se no modelo que adotamos até hoje: branco, preto, pardo, amarelo e indígena. Finalmente houve menção aos indígenas enquanto tais. Esse sistema de classificação foi reproduzido para as edições de 2000 e de 2010 dos censos demográficos. No último, aliás, vemos que, pela primeira vez desde o século XX, a população branca deixou de compor a maioria do povo brasileiro. Hoje, conforme o gráfico abaixo, temos 47,7% que se autodeclaram da cor branca, 43,1% parda e 7,6% preta, além de 1,1% amarela e 0,4% indígena.

População residente por cor ou raça  
(percentual) – Brasil e grandes regiões - 2010





O termo pardo atuou como coringa das classificações raciais em uma nação multicolor como o Brasil, cujo pertencimento racial é atravessado de outras variáveis imbrincadas às relações de poder. O caráter fluido e ambíguo da atual classificação racial é representado no salto de menos de 300 mil indígenas em 1991 para pouco mais de 700 mil em 2000 que não indica um crescimento populacional, e sim uma revalorização de identidades.

O mesmo pode estar acontecendo com as categorias preta e pardo, para as quais o fortalecimento do movimento negro tende a tornar mais recorrente, aceitável ou até mesmo desejável a autodeclaração em uma dessas duas opções, como uma maneira de reafirmar identidades coletivas em contexto de lutas e reivindicações.

Agora, não se pode ignorar que as categorias de pertencimento racial no Brasil continuam tendo imprecisões que não resumem, com fidelidade, a ampla gama de cores, raças e etnias que caracterizam a sociedade brasileira. Afinal de contas, Petruccelli (2012) pontua que o nosso país privilegia a manutenção da série histórica em detrimento de um esforço concentrado sobre a produção de estatísticas mais fiéis e condizentes à nossa realidade. Em outras palavras, é preferível manter uma classificação racial imperfeita, mas que foi bastante assimilada, a ousar a reformulação desta, muito embora haja esforços por parte das autoridades competentes para se aprimorar esse levantamento de dados num futuro próximo.

De toda forma, temos em mãos um sistema de classificação racial com informações suficientes para se descrever registros históricos, apontar tendências futuras e refletir sobre a diversidade, as diferenças e as desigualdades sobre as quais se edificou a sociedade brasileira. Ainda que imperfeita, as categorias branca, preta, parda, amarela e indígena devem fornecer subsídios para a reflexão, a crítica e principalmente a superação das hierarquias que se reproduzem em sociedades racializadas e, pior que isso, racistas.

Por Adriano Senkevics no Ensaio de Gênero,  
replicado pelo GELEDÉS Instituto da Mulher Negra.  
[Adaptado]

<https://ensaiosdegenero.wordpress.com/2015/02/13/a-cor-e-a-raca-nos-censos-demograficos-nacionais/>  
<http://www.geledes.org.br/cor-e-raca-nos-censos-demograficos-nacionais/>

## CRÉDITOS

**Prof. Rodrigo Marcos de Jesus**

Dep. Filosofia/UFMT

**Prof. Juarid Candido**

E.E. Francisco A. Ferreira Mendes

**Bolsistas:** Ada Cristina Ferreira, Ana Stela Rossito Carneiro, Douglas Castro de Jesus, Odilio Rodrigues Monteiro Neto, Pietra Miranda Buelli e Victoria Castilho Ventura.

[www.pibidfilosofiaufmt.wix.com/pibidfilosofiaufmt](http://www.pibidfilosofiaufmt.wix.com/pibidfilosofiaufmt)

